

COLEÇÃO MEU CORPO SURDO QUE SE COMUNICA: UMA FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO A FAVOR DA INCLUSÃO

Rosângela Cancela Soares

Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais - campus Rio Pomba
rosangela.ssoares@ifsudestemg.edu.br

Paula Reis de Miranda

Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais - campus Rio Pomba
paula.reis@ifsudestemg.edu.br

RESUMO - Um desafio da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica é a criação de um ambiente educacional inclusivo. Na busca por vencer esse desafio, foi elaborada a Coleção “Meu corpo surdo que se comunica”. A coleção está organizada em quatro vídeos educativos, didáticos, instrutivos e pedagógicos de curta duração, na intenção de serem vistos por um maior número de pessoas em diferentes espaços. Dois fatores foram relevantes para a produção de vídeos: o primeiro deles foi a percepção do mundo pelos surdos ser através dos olhos e o segundo a indicação dos próprios discentes, surdos e ouvintes, para a criação de vídeos como produto educacional inclusivo. Logo, almejou-se com esses vídeos sensibilizar e conscientizar a comunidade educativa, vislumbrando a acessibilidade atitudinal, em especial, entre estudantes surdos e ouvintes. Para tanto, a organização dos vídeos foi embasada no encontro face a face da realidade vivenciada entre esses discentes matriculados no *campus* Rio Pomba. Os vídeos enfatizam, por meio da ficção, cenas sobre a cultura surda; construção de identidade surda; maneiras de tornar uma escola acessível e acolhedora entre discentes com diferenças culturais; e cenas com depoimentos de dois estudantes surdos. Logo, visou-se com a Coleção quebrar o estranhamento entre estudantes surdos e ouvintes através da criação de espaços educacionais onde a diferença esteja presente, onde se possa aprender com o outro. Uma escola para além de conteúdos acadêmicos, que vise à formação cidadã, a autonomia e a emancipação dos sujeitos que nela buscam o aprendizado.

Palavras-chave: Cultura. Surdez. Empatia. Acessibilidade. Inclusão. Produto Educacional.

COLLECTION MY DEAF BODY THAT COMMUNICATES: A COMMUNICATION TOOL IN FAVOR OF INCLUSION

ABSTRACT - A challenge for the Federal Network of Professional and Technological Education is the creation of an inclusive educational environment. In the quest to overcome this challenge, the Collection “My deaf body that communicates” was created. The collection is organized into four short-term educational, didactic, instructive and pedagogical videos, with the intention of being seen by a greater number of people in different spaces. Two factors were relevant for the production of videos: the first one was the fact that the perception of the world by the deaf happens through the eyes and the second was what the deaf and hearing students pointed to for the creation of videos as an inclusive educational product. Therefore, these videos aimed to sensitize and raise the awareness of the educational community, envisioning attitudinal accessibility, especially among deaf and hearing students. To this end, the videos were arranged based on the face-to-face meeting in the reality lived by these students enrolled at the Rio Pomba campus. The videos emphasize, through fiction, scenes about deaf culture; construction of deaf identity; ways to make a school accessible and welcoming to students with cultural differences; and scenes with testimonies of two deaf students. Therefore, the aim of the Collection was to raise familiarity between deaf and hearing students through the creation of educational spaces where the difference is present, where one can learn from the other. A school that goes beyond academic content, aiming at citizen education, autonomy and the emancipation of the subjects who seek to learn from it.

Keywords: Culture. Deafness. Empathy. Accessibility. Inclusion. Educational Product.

LINHA DE PESQUISA: PRATICAS EDUCATIVAS EM EPT

LINK DO PRODUTO: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/570384>

1. INTRODUÇÃO

A inclusão é uma situação nova e emergencial na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Diante dessa demanda na área, foi realizada uma pesquisa de mestrado intitulada: “Desafios e possibilidades no desenvolvimento da acessibilidade atitudinal em relação a estudantes surdos e ouvintes do IF Sudeste MG - *campus* Rio Pomba” (SOARES, 2020).

Essa pesquisa teve como questão problema: quais são os desafios e as possibilidades de desenvolvimento da acessibilidade atitudinal entre os estudantes surdos e ouvintes do Instituto Federal do Sudeste Minas Gerais, *campus* Rio Pomba? Como promover a efetivação dessa acessibilidade nas relações entre estudantes surdos e ouvintes?

A relevância desta investigação esteve apoiada no recebimento de três estudantes surdos matriculados no Instituto, *campus* Rio Pomba, desde fevereiro do ano de 2017. Todos os três são assistidos pelo Núcleo de Ações Inclusivas (NAI) e, em várias situações relatadas pelos estudantes surdos, estes destacam problemas de relacionamento e convivência na comunidade educativa. Eles queixam-se do isolamento no *campus*, da falta de relações interpessoais e a falta de atitudes comportamentais que possam facilitar o seu acesso na escola, inclusive em relação aos colegas de turma.

Simultaneamente a essa situação, o documento institucional *Guia Orientador: ações inclusivas para atendimento ao público-alvo da educação especial no IF Sudeste MG* (OLIVEIRA, 2017) veio contribuir ainda mais com a necessidade de se fazer uma pesquisa voltada para o tema *inclusão e o acolhimento*. Isso porque esse Guia traz orientações quanto às ações que o NAI deve promover para melhorar o acolhimento e a inclusão dos estudantes nos *campi*, e uma destas ações vai ao encontro desta pesquisa:

apoiar e incentivar a realização de trabalhos sobre o tema diversidade e inclusão, com os discentes em geral, na perspectiva atitudinal, de esclarecimentos e eliminação de preconceito, a serem realizadas pelo setor de assistência estudantil ou outros setores do *campus*. (OLIVEIRA, 2017, s/p).

Outro fator que também colaborou para instigar a pesquisa sobre a falta de acessibilidade entre estudantes surdos e ouvintes foi o trabalho de conclusão de curso intitulado: *A inclusão escolar do estudante com deficiência no IF Sudeste-MG, campus Rio Pomba: a percepção dos atores envolvidos, Rio Pomba/2018* (BARROSO, 2018). Um dos resultados dessa

pesquisa foi a compreensão de que muitas queixas dos estudantes surdos atendidos pelo NAI estavam relacionadas a barreiras de acessibilidade atitudinal vivenciadas no *campus*.

Sendo essa temática ainda não investigada no IF Sudeste MG, tornou-se relevante o desenvolvimento de um estudo e a elaboração de um produto educacional que promovesse a acessibilidade atitudinal. Sassaki (2005) esclarece que acessibilidade atitudinal é aquela que

acontece por meio de programas e práticas de sensibilização e de conscientização das pessoas em geral e da convivência da diversidade humana resultando em quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações (SASSAKI, 2005, p. 23).

Ainda nesse sentido atitudinal, Lima e Silva (2009) esclarecem que as barreiras atitudinais impedem o convívio social de pessoas, fazendo-as se sentirem excluídas.

Visto que o acolhimento e a inclusão desse público é essencial, o estudo de Soares (2020) teve como questão central investigar as barreiras e as possibilidades na acessibilidade atitudinal de discentes surdos e discentes ouvintes do Instituto Federal do Sudeste Minas Gerais, *campus* Rio Pomba. Para alcançar esse objetivo, foi observado como ocorre a convivência entre discentes surdos e ouvintes no *campus* Rio Pomba. Em consequência dessa observação, identificou-se as barreiras e possibilidades na acessibilidade atitudinal existente em relação a esses estudantes. Diante disso, dialogou-se com os discentes surdos e ouvintes envolvidos na pesquisa conceitos de educação inclusiva, acessibilidade atitudinal, formação *omnilateral*, cultura e identidade surda durante a entrevista em grupo.

A fim de subsidiar a elaboração de um produto educacional inclusivo, foram estudados os seguintes autores: Strobel, 2018; Alves *et al.*, 2015; Mantoan, 2015; Pereira *et al.*, 2011; Campos; Pannuti; Santos, 2010; Lacerda, 2006; Sassaki, 2005; Perlin, 1998.

Perante esse cenário e estudos, para elaboração do produto educacional, surgiram as seguintes questões: como tornar oportuna a empatia entre discentes surdos e ouvintes?; como fomentar a efetivação da acessibilidade atitudinal entre estudantes surdos e ouvintes no *campus* Rio Pomba?

Com a intenção de responder essas questões, foi proposta a criação de vídeos, de curta duração, como produto educacional. Essa decisão esteve pautada no fato de que os sujeitos surdos percebem o mundo por meio dos olhos e de que os estudantes, surdos e ouvintes, do *campus* Rio Pomba manifestaram interesse por esse tipo de material (SOARES, 2020). Assim posto, foi construída a Coleção: “Meu corpo surdo que se comunica”, composta por quatro vídeos educativos, didáticos, instrutivos e pedagógicos, com o objetivo de sensibilizar e conscientizar a comunidade educativa, vislumbrando a acessibilidade atitudinal, em especial, entre estudantes surdos e ouvintes. Logo, para alcançar esse objetivo,

visou-se quebrar preconceitos, sensibilizar as pessoas e melhorar suas ações no convívio entre as diferenças existentes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico que originou a construção da Coleção: “Meu corpo surdo que se comunica” encontra-se detalhado na pesquisa efetivada por Soares (2020). A referida autora realizou um acompanhamento de todas as atividades escolares (desde a chegada ao *Campus* Rio Pomba até o acesso ao transporte de retorno) de uma semana (05 dias letivos) com 02 (dois) estudantes surdos matriculados em cursos de graduação do *campus*. A observação participante ocorreu em níveis mais complexos de interação entre os sujeitos, como: refeitório, cantina, biblioteca, pátio, quadras, etc. Para fim de registro e análise, a observação das atitudes dos alunos ouvintes e surdos dentro do contexto educacional foi registrada por meio de anotações em caderno-diário de campo e, quando possível, gravada em vídeo. Esses registros tiveram a intenção de flagrar as tensões e potencialidades atitudinais vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa em sua rotina diária dentro do ambiente educacional do *campus* Rio Pomba, em específico, na sala de aula. Para enfatizar a compreensão e análise do material empírico organizado na pesquisa, Soares (2020), também, realizou uma entrevista em grupo com 15 (quinze) estudantes ouvintes que convivem com os discentes surdos a fim de compreender as tensões vivenciadas, os limites e possibilidades da acessibilidade entre surdos e ouvintes no ambiente escolar. A entrevista em grupo foi registrada por meio de gravação de áudio e vídeo, além do registro em diário de campo. Como complementação dessas informações, foi realizada, também, uma segunda entrevista em grupo com os 3 (três) estudantes surdos. Essa ação contou com a presença do intérprete de Libras para facilitar a comunicação e a compreensão das discussões. Ela também foi gravada em vídeo e registrada em diário de campo.

Após toda atenção direcionada para a questão dos desafios e possibilidades de convivência entre os sujeitos envolvidos nesta investigação, foi realizada uma triangulação de dados. Essa etapa foi composta por uma análise de pontos convergentes e divergentes observados e dialogados na entrevista em grupo. Para Moreira e Rosa (2016), a triangulação está associada à interpretação de elementos e fatores constituintes de uma pesquisa que envolve várias formas de coletar dados na busca de convergência dos resultados. Assim, a observação participante e as entrevistas em grupo foram direcionadas à interpretação dos comportamentos voltados para acessibilidade atitudinal entre os estudantes ouvintes e estudantes surdos no *campus* Rio Pomba. Nesse sentido interpretativo, o material empírico

organizado durante todo o trabalho de campo (observação e entrevista em grupo) foi analisado à luz da análise do discurso (ORLANDI, 2009), segundo seus princípios e procedimentos. Isso porque investiga-se não apenas o que é falado, mas os gestos, a linguagem (Língua Portuguesa e Libras), as expressões faciais e tudo que envolve a comunicação (SOARES, 2020).

Após todo procedimento técnico realizado por Soares (2020), convidamos o leitor a ser espectador e assim conhecer o produto educacional Coleção: “Meu corpo surdo que se comunica”. Foram elaborados vídeos, com até três minutos e meio de duração, na intenção de serem vistos por um maior número de pessoas em diferentes espaços e fomentar o caráter educativo, didático, instrutivo e pedagógico de um produto educacional inclusivo.

Almejou-se com esses vídeos ampliar o olhar dos sujeitos, quebrando preconceitos, sensibilizando-os e melhorando suas ações no convívio entre as diferenças existentes.

Embora o produto educacional seja a produção de vídeos de curta duração, podemos fazer um comparativo à fala da autora Pimentel (2011), que trabalhou com educação e cinema. Para a autora:

o discurso cinematográfico, por sua vez, necessita da articulação da imagem e do movimento para expressar sua intenção comunicativa de trazer o espectador para o mundo da ficção, de modo que ele possa encontrar aí uma versão capaz de elucidar confrontos com dificuldades e impasses do cotidiano (PIMENTEL, 2011, p. 92).

Assim, a realidade que se vivenciou na observação participante e confirmou-se durante a entrevista em grupo (metodologia utilizada na pesquisa de mestrado), passou a ser ficção através dos vídeos. Dessa maneira, todas as cenas foram baseadas em fatos reais observados ou mencionados durante o trabalho de campo.

O primeiro vídeo foi intitulado *Viver no Silêncio*, e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=YiTcIFDkejo&t=44s>. Esse vídeo trouxe aos discentes surdos características elementares que facilitaram a identificação do conjunto de atributos que distinguem a sua personalidade. Visou-se, com esse vídeo, que os discentes se reconhecessem no protagonista que conduziu as cenas. Os episódios foram similares à vida cotidiana do estudante surdo que possui uma identidade flutuante e desconhece a cultura surda. Logo, o vídeo retratou, por meio da ficção, a realidade vivenciada pelos discentes surdos no campus, conforme retratado no Quadro 1.

Visou-se, com essas cenas, a estimular o interesse sobre a cultura surda e a construção de uma identidade, pois, quando o povo surdo é detentor da sua cultura e reconhecedor da sua identidade, a interação, as atitudes comportamentais entre a diversidade cultural são diferenciadas (ALVES *et al.*, 2015).

Quadro 1- Roteiro do vídeo *Viver no silêncio*

Em um plano geral², a câmera focaliza diálogos entre um grupo de pessoas³ surdas e um grupo de pessoas ouvintes. Ao fundo, surge um discente surdo que, ao observar os dois grupos, sente-se indeciso sobre o grupo do qual irá aproximar-se por ter uma identidade surda flutuante. Entretanto, o discente surdo escolhe se aproximar do grupo de ouvintes, mas sente-se excluído, pois os colegas ouvintes não dialogam com ele, só o cumprimentam com um sorriso. Em seguida, observa o grupo de surdos, aproxima-se e é acolhido; a comunicação acontece.

Esse cenário é conduzido por uma trilha sonora de autoestima, mas, em momentos de isolamento do discente surdo, a trilha sonora passa a ser de baixa autoestima. A mudança de cor do cenário, em tom pastel (colorimetria), tem o objetivo de gerar dramatização na imagem. Pode-se perceber que a comunicação entre o grupo de surdos acontece em círculo e os surdos dialogam simultaneamente. Também as expressões faciais representadas pelo protagonista são realizadas para chamar a atenção do espectador. A dramatização nas expressões faciais é devido à comunicação do povo surdo ser visual-espacial. Portanto, essas duas cenas vêm avivar a cultura surda (STROBEL, 2018).

Dando sequência ao vídeo, uma discente surda expressa seus sentimentos falando: ____ Eu não sou diferente, mas a minha cultura é diferente. Percebo o mundo através dos meus olhos, e minha comunicação acontece por meio de gestos e expressões. Se surdos e ouvintes conhecerem a cultura surda, nossa convivência será mais harmoniosa.

Por fim, um grupo de pessoas convida os espectadores a ajudá-los na construção de um espaço para cultura surda no *campus* Rio Pomba. Dessa maneira, uma pessoa fala em Libras:

____ Eu tenho um sonho. Qual é o meu sonho? É organizar um ambiente propício para cultura surda aqui no IF Sudeste MG *campus* Rio Pomba, e essa criação é muito importante. Então, vamos organizar?

Todos: ____ Sim, combinado.

Fonte: SOARES (2020)

Logo, as sensações de medo, isolamento e vergonha por estarem próximos de pessoas que desconhecem a sua cultura serão evitadas (STROBEL, 2018). Para tanto, a mesma autora salienta que a construção de uma identidade pelo sujeito surdo acontece por

² “Enquadramento do personagem ou do espaço total; a câmera focaliza uma grande fração do ambiente, sendo mais descritivo, valorizando a cenografia onde rola a cena” (PIMENTEL, 2011, p.96).

³ Os artistas dos vídeos assinaram termo de autorização de uso da imagem.

intermédio do contato com surdos adultos ou com a vivência desses em comunidades surdas.

Assim, esperou-se, com esse vídeo, despertar nos espectadores, especialmente os surdos, o interesse em conhecer a cultura e a identidade surda, visto que muitos surdos são filhos de pais ouvintes, desconhecem comunidades surdas e não possuem contato com adultos surdos, tendo como único contato o intérprete na escola.

O segundo vídeo, nomeado *A vida sem som*, está no link: https://youtu.be/0QcDW_er7cY. Sua ideia principal foi o incentivo ao espectador para o desenvolvimento da empatia, se colocando no lugar do outro e repensando a humanização pautada em uma cultura distinta. O roteiro desse curta encontra-se no Quadro 2.

Quadro 2 - Roteiro do vídeo *A vida sem som*

As cenas desse vídeo retratam a chegada de um estudante ouvinte no IF Sudeste MG *campus* Rio Pomba - uma instituição de ensino na qual trabalham e estudam pessoas surdas. Assim, o estudante ouvinte chega ansioso para estudar e conhecer a escola, mas desconhece que nela só convivem pessoas surdas. Maravilhado com a beleza da escola ao observar pela janela de um ônibus, o discente ouvinte desce do meio de transporte que o trouxe e diz: ____ Hoje é o meu primeiro dia de aula, como será essa escola? Ao entrar em sala de aula, todas as pessoas que nela estavam cumprimentam o estudante ouvinte em Libras. O plano mostra o estudante ouvinte entrando em sala de aula de costas para dar ênfase na turma cumprimentando-o em Libras, portanto, o foco foi mostrar cenas da turma interagindo em Língua de Sinais com o discente ouvinte. Como nessa escola só convivem pessoas surdas, a professora ministra sua aula em Libras, e o discente ouvinte se sente incomodado e diz: ____ Não estou entendendo nada. Alguém pode me ajudar! Em seguida, chama a professora várias vezes, mas, por ser surda, ela não dá atenção ao aluno. Em seguida, o aluno questiona: ____ Alguém aqui fala! Alguém pode me ajudar! Mas não consegue se comunicar. O aluno ouvinte não aguenta o distanciamento das pessoas e levanta da carteira para pedir ajuda a uma colega de sala dizendo: ____ Você pode me ajudar? Eu não estou entendendo aquela palavra! Infelizmente, não consegue diálogo, pois a colega de turma é surda. Em seguida, o estudante ouvinte vai até a secretaria do *campus* e também não consegue comunicar-se, pois as atendentes são surdas. O estudante vai ficando cada vez mais indignado com a situação, devido às suas expressões faciais e comportamentais. Na próxima tentativa de contato na escola, o discente vai até a biblioteca e tenta pedir ajuda para pegar um livro de Matemática. Ao tentar dialogar com a estudante que está na biblioteca, o aluno ouvinte soletra a palavra Matemática, mas sem sucesso, e sai

chateado. Continuando sua trajetória pelo *campus*, o aluno ouvinte passa em frente a um quiosque. Nesse quiosque, há vários estudantes dialogando em Libras. O estudante ouvinte observa todos e, devido à falta de comunicação na escola, a demonstração de irritação do estudante ouvinte aumenta a cada instante. Salienta até que a escola é de gente maluca, porque só falam por mímica. Enfurecido, o estudante ouvinte diz: ____ Meu Deus, estou ficando maluco! Estudar em uma escola na qual eu não consigo me comunicar... não tem como! Finalizando suas tentativas de comunicação na escola, tenta interagir na fila do refeitório. Também não consegue. Durante o almoço, depois de várias tentativas de interação na escola, demonstra sua irritação de maneira marcante ao bater a mão sobre a mesa em que estavam almoçando para chamar atenção dos colegas, mas não adiantou, pois todos ali eram surdos.

Finalizando o vídeo, uma pessoa ouvinte diz: ____ Imagine você nesta situação! É assim que os surdos se sentem na escola. Isolados. As pessoas precisam desenvolver mais empatia. Reflita!

Fonte: SOARES (2020)

Os sujeitos, para viverem em harmonia em sociedade, precisam interagir. As pessoas precisam se comunicar umas com as outras, mas, para que esse diálogo aconteça, são necessários a empatia e o interesse da sociedade em aprender a cultura diferente daqueles que convivem entre si diariamente (STROBEL, 2018).

Segundo Lacerda (2006), os discentes surdos são usuários de uma língua que a comunidade escolar desconhece. O estudante surdo é visto como um “estrangeiro que tem acesso aos conhecimentos de um modo diverso dos demais e se mantém isolado do grupo (ainda que existam contatos e um relacionamento amigável)” (LACERDA, 2006, p.177).

Logo, em uma sociedade que vive diante de uma diversidade cultural, faz-se necessário o aprendizado de outra língua, como por exemplo, a Libras, pois o povo surdo possui uma cultura diferente visual-espacial, que deve ser vivenciada pelos pares que convivem com os surdos (JÚNIOR, 2015).

O terceiro vídeo consagrado *Um lugar acessível* está no link: <https://youtu.be/arnhjut7nSg>. Ele retratou uma proposta educacional que visou à percepção sensível do espectador mediante comportamentos que podem ser realizados de maneira rotineira entre surdos e ouvintes desde que ambos conheçam a cultura surda. Esse vídeo convidou o espectador à sensibilização e ao comprometimento maior com a formação cidadã independente de sua cultura ou identidade (Quadro 3).

Quadro 3- Roteiro do vídeo *Um lugar acessível*

Este vídeo inicia-se com discentes surdas ensinando Libras para estudantes ouvintes. Pelas expressões faciais dos sujeitos envolvidos, percebe-se a motivação deles nesse cenário - motivação principalmente dos ouvintes em aprender uma nova língua, como demonstra as imagens. As discentes ensinam em Libras o nome de alguns animais, como: cachorro, borboleta, girafa, pato, cobra, sapo, formiga e pica-pau. Dando sequência, outras formas de acessibilidade foram demarcadas neste vídeo - cenas relevantes sobre adaptações visuais no esporte para contribuir com a interação das pessoas surdas no convívio social. Assim, imagens de uma marcação de pênalti foram produzidas, sendo os jogadores surdos e a torcida e o juiz ouvintes. Portanto, ao sinalizar a marcação do pênalti, o juiz utiliza-se de uma bandeira vermelha para substituir o apito, e, ao conseguir marcar o gol, toda a torcida comemora em Libras.

Dando continuidade, em um plano geral, imagens de discentes surdas passeando pela escola; um colega ouvinte de carro as vê e quer cumprimentá-las. Para chamar atenção delas, o amigo ouvinte pisca o farol do carro, pois se utilizasse a buzina não iria adiantar devido à surdez. Em seguida, uma discente surda caminha pelo corredor da escola e encontra-se com professores da instituição, que a cumprimentam com um sorriso e o sinal de “oi” em Libras. Por fim, foram gravadas cenas no Laboratório de Informática: uma estudante surda pede ajuda a uma estudante ouvinte que está ao seu lado. Coincidentemente, a estudante ouvinte sabe Libras, consegue interagir e dar o suporte que a aluna necessita. Ao encerrar o vídeo, uma pessoa fala em Libras: ____ Em um mundo de sons, às vezes, a sociedade se esquece daqueles que não podem ouvir. Durante todo o vídeo, foi utilizada uma trilha sonora de autoestima.

Fonte: SOARES (2020)

Como visto nas cenas, a comunicação visual é essencial para os surdos, pois o povo surdo interage com o mundo pela visão e a sua comunicação é visual-espacial (STROBEL, 2018). Segundo essa autora, as pessoas surdas também se comunicam por intermédio de gestos denominados caseiros, facilitando, assim, a relação entre surdos e ouvintes.

Dessa forma, não é surpreendente retratar que as pessoas não conseguem e não se sentem bem vivendo isoladas. A comunicação é fundamental para levar significados e conhecimentos (FERRAZ; FERRAZ, 2015). Portanto, o povo surdo também não se sente bem sem interação social. Assim, buscou-se com esse vídeo motivar as pessoas com culturas diferentes a interagirem. Visou-se, também, levar a comunicação para o mundo do silêncio, tornando a escola acessível.

A coleção é finalizada com o quarto vídeo nomeado *Eu existo*, que está no link: <https://youtu.be/rTi5IW57cOk>. Nesse vídeo, são apresentados depoimentos de dois discentes surdos matriculados no IF Sudeste MG *campus* Rio Pomba (QUADRO 4). Nos depoimentos, os estudantes expõem os seus anseios, angústias, indagações e dificuldades de relacionamento com os colegas de turma na escola.

Quadro 4 - Roteiro do vídeo *Eu existo*

Depoimento do estudante Júnior: ____Boa tarde, meu nome é Júnior. Eu faço curso de Laticínios aqui no IF Sudeste MG *campus* Rio Pomba; eu sou surdo. Quando eu entrei em sala de aula para estudar aqui no *campus*, estavam em sala o professor e os alunos. Eu percebi que os alunos ficaram me olhando e me senti desconfortável por isso; me senti isolado. O professor ficava falando e eu ficava só copiando calado. Quando as pessoas me chamavam, eu respondia que não era ouvinte e, por causa disso, as pessoas se distanciavam de mim. Eu me sentia triste e angustiado, mas eu tive muita paciência e fui persistindo, tentando e enfrentado o dia a dia na escola. Eu pedia ajuda aos colegas ouvintes tentando me comunicar através da escrita, mas não conseguia a interação. Dessa forma, os colegas iam saindo disfarçadamente. Diante desse comportamento, eu compreendia que eles não entendiam o meu jeito, mas não dei tanta importância para esse comportamento dos colegas. Fui até o NAI e pedi ajuda às servidoras: expliquei que não havia uma boa comunicação com os colegas, que existia um problema e que a culpa não era minha. Eu ficava me perguntando: qual seria a solução para isso? Quando comecei a estudar no IF, tive dificuldade em ter ajuda dos professores. Mesmo assim, fui tentando novamente a interação com os alunos, ensinando o alfabeto em Libras e alguns sinais, mas ficou por isso mesmo.

Depoimento da estudante Ivana: ____ “Oi, tudo bem! Meu nome é Ivana e o meu sinal é esse (a estudante faz o sinal da letra i em Libras atrás da sua orelha). Eu estudo no Instituto Federal, *campus* Rio Pomba e faço curso de Educação Física. Quando eu chego aqui.... Aí meu Deus do céu, eu quero falar em Libras, só que tem hora que eu me travo, mas eu quero falar em Libras. Quando chego na sala de aula, na quadra, no refeitório, eu olho para as pessoas, eu me sinto triste. Quando chego em casa, me dá vontade de chorar porque me sinto muito triste (estudante se emociona nesse momento), pois tenho vontade de conversar com todas as pessoas, mas eu não entendo a fala das pessoas. Eu sei falar, mas eu não entendo o que as pessoas estão falando. É muito difícil para eu ter amigos na escola, pois as pessoas acham que eu sei escutar, mas eu não consigo escutar porque eu sou surda. Os professores e os amigos falam virados de costas e quando eles viram de

frente para mim eu não sei o que eles falaram. Igual trabalho. Para fazer trabalho escolar, eu chego, as pessoas ficam falando, eu não entendo nada. Eu me sinto mal, mas está bom. Todo surdo nunca desiste. Todo surdo pode sim, todo surdo pode conseguir. Eu posso, eu vou, eu consigo. Você é capaz de conseguir. É isso”.

____ “Quando eu tinha 15 anos, eu entrei na banda de Tabuleiro. Quando eu entrei, eu peguei o meu saxofone e comecei a tocar. Quando eu cheguei, era muito barulho. Eu achei que eu não ia aprender a tocar, mas, na verdade, eu aprendi sim, eu vi visual e fui aprendendo, olhando as notas como que toca. Quando eu aprendi a tocar a música, beleza! Quando foi todo mundo junto, eu achei que não iria escutar a música, mas não importa. Sabe como que eu aprendi a tocar? Pela vibração, as batidas, por isso eu consegui acompanhar a banda. Eu sinto vibração, eu não escuto a música. Quando eu posso, gosto de tocar para mim mesma. Eu sinto vibração”.

Ao final, a discente faz uma demonstração tocando saxofone.

Fonte: SOARES (2020)

O roteiro do discente Júnior foi transcrito diretamente da Libras para a Língua Portuguesa. Já o roteiro da estudante Ivana foi transcrito conforme a Língua Portuguesa oralizada pela estudante. A fala da estudante surda nos leva a refletir novamente sobre sua identidade flutuante, pois quer falar em Libras, mas prefere oralizar.

Mediante os depoimentos dos discentes surdos pode-se perceber as barreiras que esses encontram e vivenciam diante da cultura da oralidade. Seus relatos de indagação, angústia e falta de interação entre os colegas de turma reforçam que o povo surdo está esgotado por permanecer no silêncio e de se sentir isolado.

Portanto, as cenas desse vídeo, com relatos da história escolar e de vida dos discentes, têm o propósito de incentivar a compreensão das pessoas a respeito da realidade escolar vivenciada pelos surdos, quebrando preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminação (SASSAKI, 2005). Em consequência da quebra dessas barreiras, espera-se alcançar a acessibilidade atitudinal.

Desta forma, o produto educacional Coleção: “Meu corpo surdo que se comunica”, buscou conscientizar e sensibilizar a comunidade acadêmica, quebrando o estranhamento entre estudantes surdos e ouvintes. Assim, com esses vídeos, almejou-se também a obtenção de uma função formativa dos espectadores (PIMENTEL, 2011), pois puderam fazer uma leitura imaginária da vida do povo surdo por meio de emoções e pensamentos.

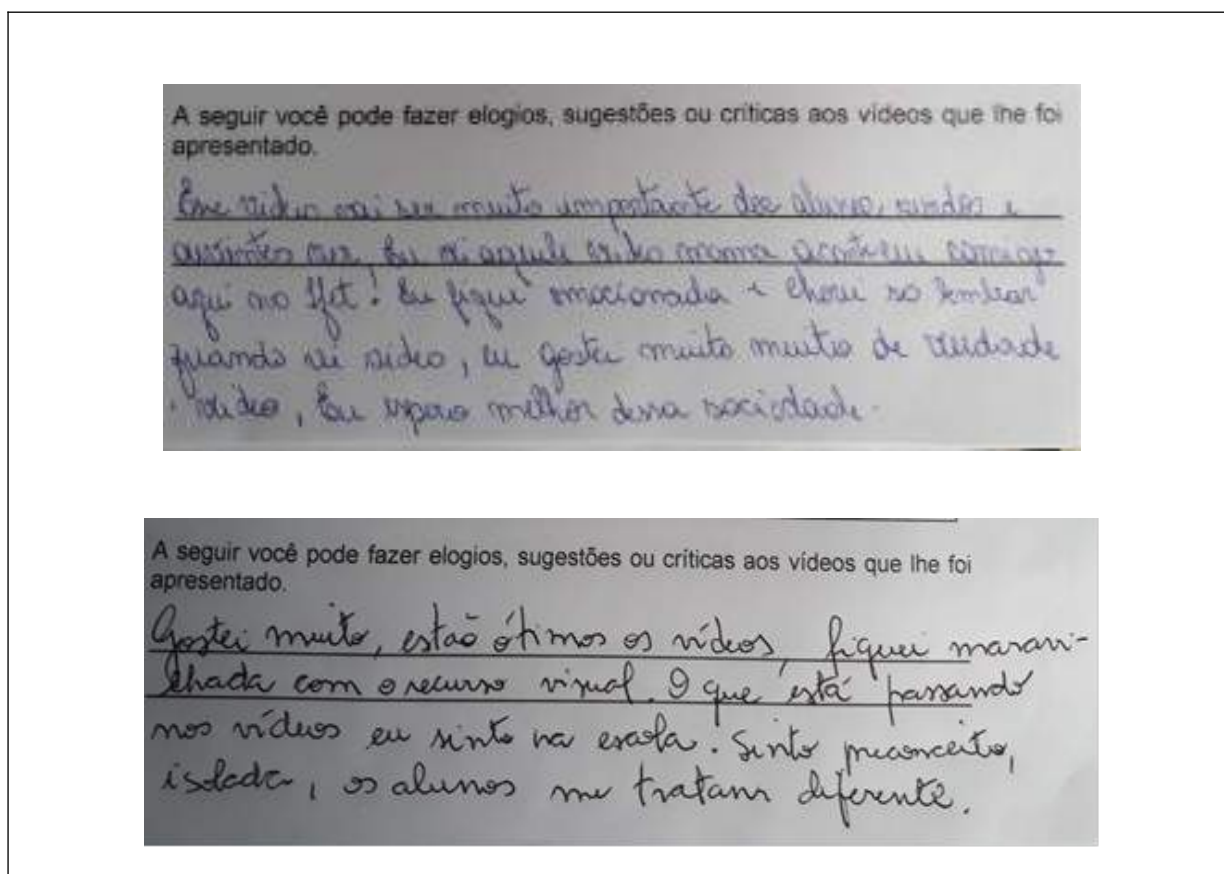
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O produto educacional Coleção: “Meu corpo surdo que se comunica”, está hospedado no link da EduCapes: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/570384>.

Para a validação do produto educacional, foi apresentada a Coleção a 15 (quinze) estudantes ouvintes (identificados como: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15) e a 03 (três) estudantes surdos (identificados como R, C, S). Logo, esses discentes foram participantes da observação e pesquisa de campo desenvolvida por Soares (2020). Após apresentação do produto, foi aplicado um questionário aos estudantes para avaliação da coleção. Esse questionário estava dividido em cinco tópicos: linguagem e imagem, conteúdo/roteiro, utilidade do produto, importância do produto e divulgação. Os resultados apontados no questionário de validação foram de 100% de aprovação da coleção pelos estudantes envolvidos nesta pesquisa em todos os tópicos.

Ao final do questionário, foi deixado um espaço aberto a sugestões, críticas e comentários, conforme apresentado no Figura 1.

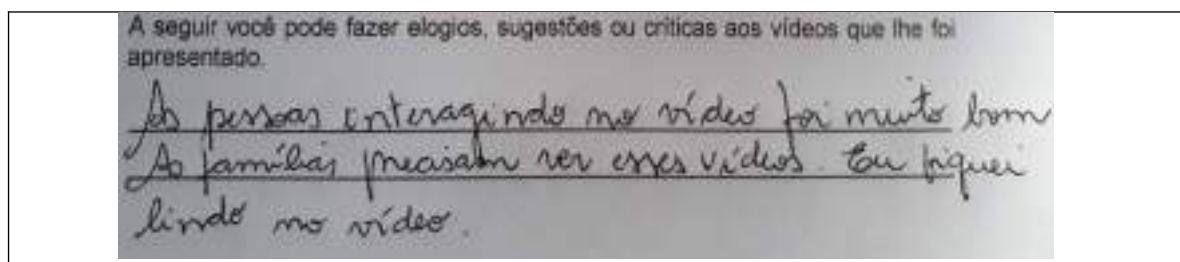
Figura 1 - Comentário avaliativo dos estudantes C e R sobre a coleção



Fonte: SOARES (2020)

Nesses comentários (Figura 1), os estudantes surdos avaliam dois pontos positivos do material. Primeiro, o recurso visual que atende bem ao estudante surdo, pois é a maneira como ele vê e compreende o mundo e, o segundo, o vídeo retrata situações reais vividas na escola, desafios presentes na relação entre estudantes surdos e ouvintes.

Figura 2- Comentário avaliativo do estudante S sobre a coleção

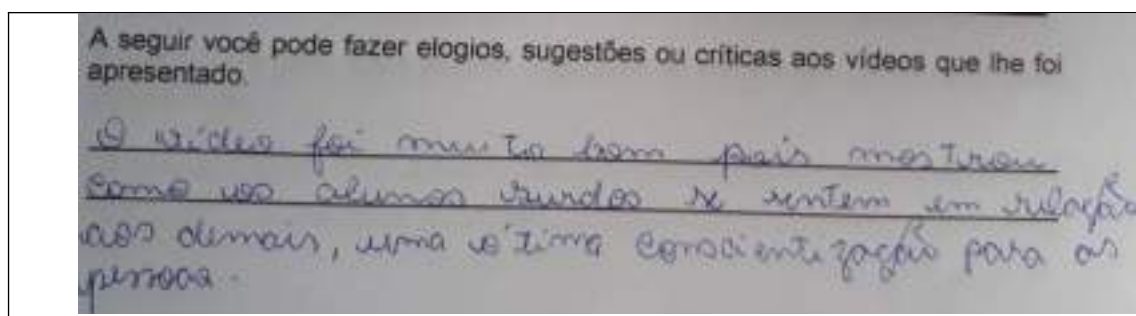


Fonte: SOARES, R. (2020)

Esse comentário deixado pelo estudante surdo S (Figura 2) considera a importância de outras pessoas, além dos estudantes, terem acesso ao material para se conscientizarem sobre a vida do povo surdo e sua cultura. Essa divulgação é vista como uma possibilidade de interação entre surdos e ouvintes através do conhecimento da sua cultura. Além disso, percebe-se que o vídeo elevou a autoestima desse estudante, pois ele se considera importante e “bonito” na imagem. Vê-se o potencial do recurso visual para a valorização dos estudantes surdos, por parte deles e dos ouvintes (colegas, familiares), abrindo espaço para a ampliação da inclusão entre os sujeitos.

No comentário trazido na Figura 3, o aluno ouvinte relata que o vídeo foi muito importante, pois ele permite a conscientização das pessoas em relação às vivências, aos preconceitos e às barreiras vivenciadas pelo estudante surdo. Logo, o vídeo pode ser uma porta para a acessibilidade atitudinal (SASSAKI, 2005); e a conscientização é uma das etapas dessa acessibilidade.

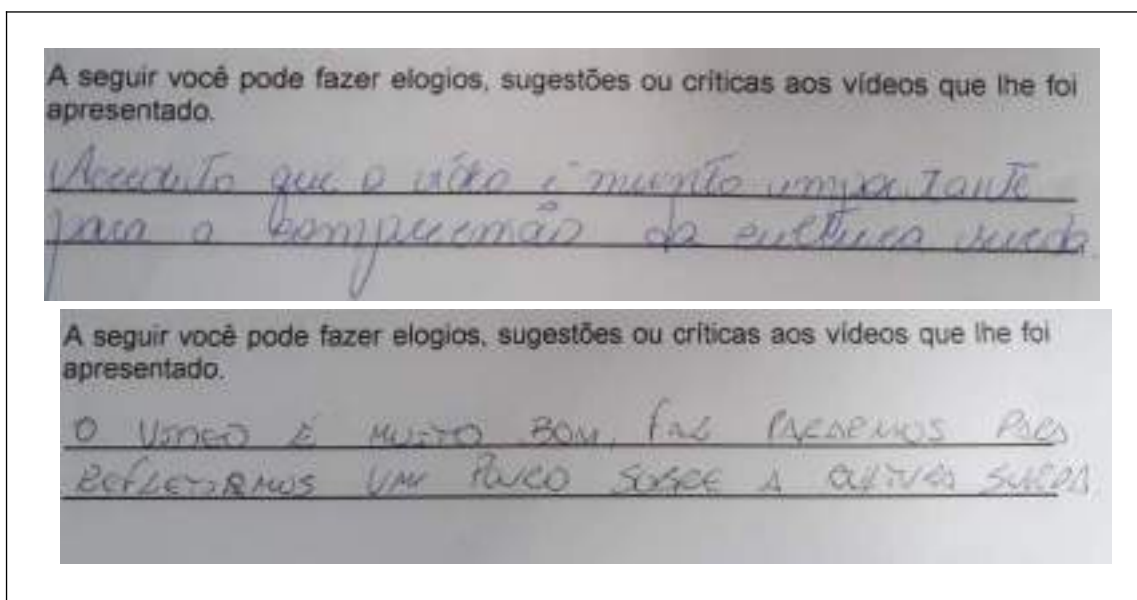
Figura 3- Comentário avaliativo do estudante A4 sobre a coleção



Fonte: SOARES (2020)

O vídeo atingiu outro objetivo proposto: o repensar do espectador sobre a cultura surda. Nos depoimentos apresentados na Figura 4, há indícios de uma aproximação entre essa cultura e a cultura ouvinte, tornando-a mais acessível e instigando as pessoas a conhecerem-na cada vez mais, diminuindo, assim, a discriminação e a exclusão.

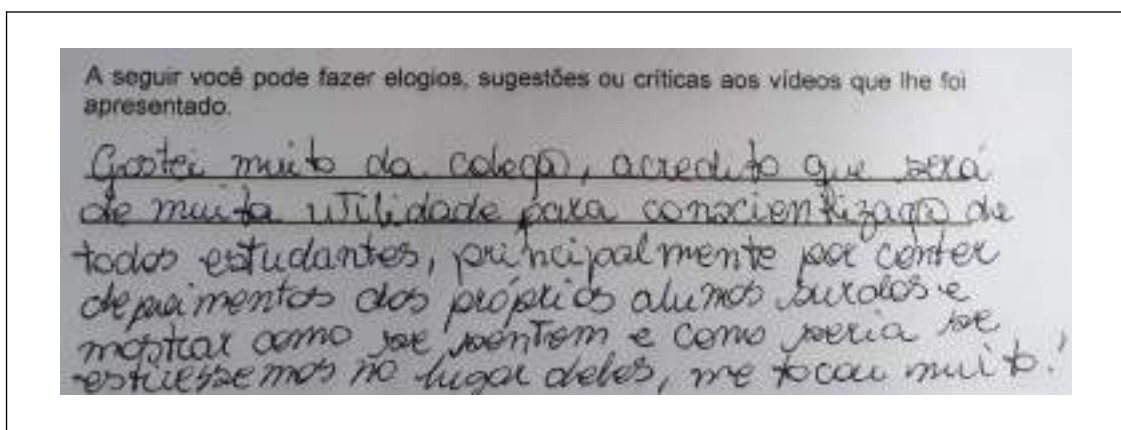
Figura 4- Comentário avaliativo dos estudantes A6 e A12 sobre a coleção



Fonte: SOARES (2020)

Já o comentário trazido por A5 (Figura 5) reforça a conscientização, que representa uma das etapas da acessibilidade atitudinal. Também vem trazer o interesse dos ouvintes pela história de vida dos estudantes surdos, permitindo o estabelecimento da empatia e aproximação entre as vivências dos surdos e dos ouvintes.

Figura 5- Comentário avaliativo do estudante A5 sobre a coleção

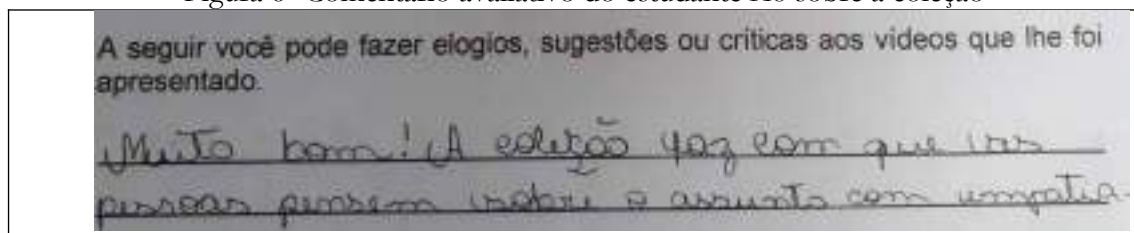


Fonte: SOARES (2020)

Por fim, o comentário do estudante A8 (Figura 6) reforça a reflexão sobre a empatia, fator que destrói a barreira de discriminação e aproxima o surdo do ouvinte, ampliando a acessibilidade atitudinal.

Assim, a partir das avaliações realizadas, conclui-se que a Coleção: “Meu corpo surdo que se comunica” alcançou os objetivos propostos e teve uma excelente avaliação por estudantes surdos e ouvintes.

Figura 6- Comentário avaliativo do estudante A8 sobre a coleção



Fonte: SOARES (2020)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é fato, as instituições de ensino sempre receberam em suas salas de aulas regulares um público heterogêneo. De certa forma, as instituições de ensino não estão preparadas para trabalharem com a diferença humana. Logo, os discentes nelas matriculados, também, estão despreparados para viver em uma comunidade escolar com divergências culturais e sociais.

Portanto, é necessário o diálogo entre as famílias e toda a comunidade escolar (discentes, docentes, direção, professores, enfim, todos os servidores da instituição) para que ocorra interação, acessibilidade e inclusão de todos nas instituições de ensino. E, para que a inclusão aconteça em uma escola, todos devem estar dispostos a aceitar esse desafio, haja vista serem as pessoas diferentes umas das outras, mas com capacidade para aprender. O que lhes falta é o respeito à igualdade de direitos.

Todavia, neste estudo pode-se verificar que, no processo de interação, a acessibilidade atitudinal é uma via de mão dupla, e o maior desafio, a maior barreira entre os estudantes surdos e ouvintes é aproximar o surdo do ouvinte. Isso porque há um desconhecimento da cultura surda e das peculiaridades dessa cultura pelos estudantes surdos e ouvintes. Logo, essa falta de compreensão da cultura surda desencadeia nos discentes surdos uma primeira atitude de isolamento ao invés de adaptação ou de inclusão. Os surdos, por não compreenderem a língua do ouvinte, preferem se isolar a passar por sensações de constrangimento por não entender a língua do outro.

Mediante o exposto, para facilitar a acessibilidade entre surdos e ouvintes, existem as adaptações visuais, que devem ser utilizadas, possibilitando a interação entre esses sujeitos. Exemplo de adaptações visuais são: o uso de imagens para efetuar a comunicação entre surdos e ouvintes; uso de mensagens por celular e pela escrita, a Libras; o intérprete de Libras; adaptações no esporte; acender a apagar a luz para chamar a atenção do sujeito surdo, dentre outros recursos visuais que possam facilitar e concretizar a acessibilidade entre surdos e ouvintes.

Em vista disso, foram produzidos vídeos educativos com o intuito de sensibilizar e conscientizar as pessoas, quebrando preconceitos, estereótipos e discriminações em busca de melhorar a convivência entre os estudantes ouvintes e surdos do IF Sudeste MG *campus* Rio Pomba. Buscou-se também, despertar o interesse entre esses estudantes em aprender sobre a cultura e identidade surda, na expectativa de existir uma harmonia e que o ser humano seja capaz de relacionar-se com a diferença.

Logo, com esses vídeos produzidos, almeja-se também criar espaços educacionais onde a diferença esteja presente, onde se possa aprender com o outro; uma escola que apresente caminhos para um ensino mais produtivo, que visa a formação cidadã, a autonomia e a emancipação dos sujeitos que nela buscam o conhecimento. Em suma, uma transformação social e individual que aspire à humanização da coletividade e à ampliação da empatia no âmbito escolar entre as diferentes culturas, em especial, a cultura surda e a cultura ouvinte.

Diante do exposto, espera-se que este produto seja institucionalizado pela Rede Federal de Ensino e demais instituições escolares como instrumento de socialização e inclusão de estudantes. Almeja-se inclusive, com esses vídeos, apresentar subsídios para que muitos servidores e discentes de quaisquer instituições possam tornar-se multiplicadores da empatia, acessibilidade atitudinal e cultura surda junto à comunidade educativa.

Acredita-se que este trabalho vem colaborar com sua proposta de organização, direcionamento, realização e acompanhamento dos atendimentos ao público da educação inclusiva (IF SUDESTE MG, 2017). Portanto, através desses vídeos de curta duração são semeadas, em uma escola com função emancipatória e de ensino para a formação omnilateral, pequenas sementes contendo sentimentos de empatia, conscientização, emoção e sensibilização na compreensão de que a acessibilidade atitudinal começa com pequenas ações e grandes gestos.

Por isso tudo, pensar a inclusão é pensar a comunhão, em um sentido freireano, com as diferenças. É colocar em diálogo políticas, práticas e culturas e como estas se complementam para a concretização da educação inclusiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F. C. *et al.* Educação dos surdos em nível superior. In: ALMEIDA, WG., (org.) **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7. Available from: SciELO Book: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 20 out. 2019.
- BARROSO, A. C. **A Inclusão escolar do estudante com deficiência no IF Sudeste-MG, campus Rio Pomba**: a perspectiva dos atores envolvidos. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). Instituto Federal Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Rio Pomba, Rio Pomba, 2018.
- CAMPOS, H. R., PANNUTI, M. R. V, SANTOS, M. S. **Inclusão: reflexões e possibilidades**. São Paulo: Loyola, 2010
- FERRAZ, F. J. S.; FERRAZ, L. As relações sociais de comunicação entre surdos e não surdos. **EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires. Ano 20, nº211**. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd211/comunicacao-entre-surdos-e-nao-surdos.htm>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS, IF SUDESTE MG. Diretoria de Gestão de Pessoas. **Boletim de Serviço nº08/2017**. Resolução do CONSU nº20/2107 Agosto de 2017. Disponível em: https://www.ifsudestemg.edu.br/gestao_pessoas. Acesso em: 02 de mai. de 2019.
- JUNIOR, J. S. **Omnilateralidade**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/index.html>. Acesso em 20 de abr. de 2019.
- LACERDA, C. B. F. A Inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. Campinas: **Cad. Cedes**, vol. 26, n.69, p.163-184. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf>. Acesso em 23 de Nov. 2018.
- LIMA, F. J.; SILVA, F.T.S. Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In: SOUZA, O .S. H. **Itinerários da inclusão escolar múltiplos olhares múltiplos saberes**. Porto Alegre: Ulbra, 2009.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar O que é? Por quê? Como fazer?** 2. ed. São Paulo: Summus, 2015.
- MOREIRA, M. A.; ROSA, P.R. **Pesquisa em ensino: métodos qualitativos e quantitativos**. 2016. 2ª edição. Porto Alegre. Brasil. p.8-24.
- OLIVEIRA, W. M. **Ações inclusivas no âmbito do IF Sudeste MG: um processo em construção**. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PEREIRA, M. C. C. *et al.* **LIBRAS conhecimento além dos sinais**. 1. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2011.

PERLIN, G. T. T. **História da Vida Surda**: Identidades em questão. 1998. 51 Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

PIMENTEL, L. S. L. **Educação e Cinema**: dialogando para a formação de poetas. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Inclusão**: Revista da Educação Especial, MEC/SEESP. Brasília, v.1, p. 19-23, out./2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso em: 13 de ago. de 2018.

STROBEL, K., **Imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2018.

SOARES, R. C. **Desafios e possibilidades no desenvolvimento da acessibilidade atitudinal em relação a estudantes surdos e ouvintes do IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba**. 2020. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - *Campus* Rio Pomba, Rio Pomba, MG, 2020.

Rosângela Cancela Soares

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica

Paula Reis de Miranda

Doutora em Educação